

A PROGRESSÃO CONTINUADA NA VISÃO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renata Segura Pinassi¹, Fabiana de Souza Augusto², Anezio Cláudio Bernardes³

¹Universidade do Vale do Paraíba, renata.pinassi@itelefonica.com.br

²Universidade do Vale do Paraíba, fabianateacher@yahoo.com.br

³Universidade do Vale do Paraíba, acb@univap.br

Resumo - Este trabalho tem o objetivo de estudar e refletir sobre a implantação do sistema de ciclos, sobre a progressão continuada adotada no sistema estadual de educação desde 1998. O estudo abrange formação do corpo docente, aceitação do método por parte de pais, alunos e professores, condições das escolas, resultados pretendidos e resultados alcançados. Não é pretensão deste trabalho tomar partido de um ou outro método e sim tentar realizar uma análise fria dos problemas que os professores de Língua Portuguesa vêm enfrentando desde que o sistema de ciclos foi implantado, já que têm causado grande polêmica e descontentamento por parte destes educadores que têm se encontrado desmotivados por serem considerados culpados por praticamente todas as deficiências do ensino do país.

Palavras-chave: progressão, continuada, ciclos, pedagogia, letras

Área do Conhecimento: *Linguística/Letras/Artes*

Introdução

Com o intuito de garantir a existência de escolas públicas que contribuam para o sucesso na vida social e profissional dos educandos e de garantir maior comprometimento com o processo de aprendizagem a Secretaria de Estado da educação (SEE) implantou, em 1998, a Progressão Continuada. Este sistema mudou completamente o percurso escolar, já que as concepções de ensino, aprendizagem e de avaliação foram repensadas.

Mas, na prática, as mudanças ocorridas, ao invés de ajudarem numa possível melhoria, provocaram acentuado grau de desmotivação e descontentamento, principalmente, por parte dos professores que têm se deparado com o "empurramento automático" dos alunos aos ciclos seguintes.

A progressão continuada não tem conseguido resultados melhores porque, na verdade, não foi implantada adequadamente. "Em São Paulo, a proposta foi imposta. Não se procurou obter a adesão do professorado", segundo Marília Spósito, professora da Faculdade de Educação da USP e presidente da ONG Ação Educativa. "Essas idéias implicam em mudanças muito profundas. O governo aumentou o número de alunos na escola, mas não ampliou os recursos. Assim, ninguém vai fazer milagre e não se pode responsabilizar o professor pelo insucesso". Na opinião de Marília, experiências bem sucedidas com a adoção dos ciclos nas prefeituras de Belo Horizonte (gestão de Patrus Ananias), de Porto Alegre (RS) e Blumenau (SC) mostram que a iniciativa é positiva. Para a presidente do Sindicato dos Professores de São Paulo, o modelo adotado em São Paulo nem ao menos poderia ser chamado de progressão

continuada. "Esse sistema foi instituído de uma forma autoritária, sem discussão com os professores e a comunidade. Ele não deveria ter agrupado os alunos pela idade, mas sim de acordo com o estágio de desenvolvimento cognitivo. A secretária de Educação do Estado manteve a mesma estrutura seriada e não respeitou esse estágio".

Se o problema dos alunos que não sabem ler e escrever em São Paulo é preocupante, em outras regiões do País a situação é desoladora. Técnicos do Ministério da Educação dizem que, em certas regiões, já chegou a ser detectado um índice de 75% de alunos matriculados na quarta série que não lêem nem escrevem. Exames feitos pelo Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb), no ano passado, mostraram que apenas 10% dos alunos de quarta série aprendem Matemática satisfatoriamente. Os ensinamentos de Língua Portuguesa surtem efeito somente para 42% dos estudantes da rede pública. Isso, levando-se em conta que os critérios sobre o que seria ou não "ensino satisfatório" podem variar bastante.

Esse "empurramento" tem acarretado sérios problemas à formação acadêmica dos próprios alunos, tanto que, por intermédio do estágio realizado em algumas instituições, pudemos detectar casos de formandos do ensino fundamental (oitava série) que ainda, nem sequer, aprenderam a ler e escrever.

Materiais e Métodos

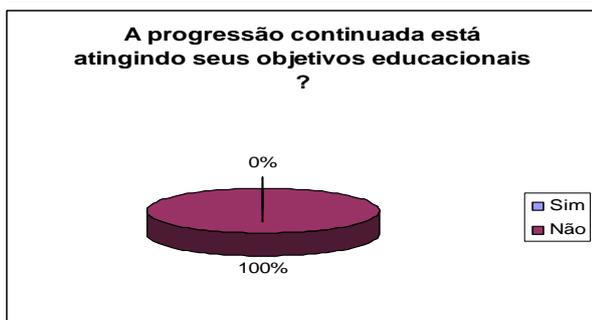
O trabalho foi desenvolvido em três etapas : levantamento bibliográfico com o objetivo de pesquisar as origens e fundamentos da progressão continuada. Uma segunda etapa consistiu em uma pesquisa simples e informal (em

62 professores do ensino médio e fundamental da rede pública do estado de São Paulo) para verificar o nível de aceitação do corpo docente em relação a esse método de ensino. Na última fase do nosso trabalho, aplicamos um questionário mais detalhado em 10 professores (também do ensino médio e fundamental da rede pública do estado de São Paulo) para tentar entender os resultados obtidos na pesquisa. Destes 10 professores, apenas 2 não responderam ao questionário. As oito entrevistas respondidas estão transcritas em "Resultados".

Resultados

Na pesquisa simples e informal (em 62 professores do ensino médio e fundamental da rede pública do estado de São Paulo), foi possível verificar a preocupação e o descontentamento desses docentes em relação à progressão continuada.

Na última etapa da pesquisa, nas respostas dos oito professores, foi possível constatar o seguinte:



Os professores foram submetidos às seguintes questões:

- 1) Você concorda com a implantação do sistema de Progressão Continuada? Por quê?
- 2) Você está encontrando dificuldade na aplicação do Sistema de Progressão Continuada? Qual (Quais)?
- 3) O que tem observado em relação à aprendizagem do aluno?
- 4) Após a aplicação do sistema como tem ocorrido a aprendizagem?
- 5) O que você mudaria no sistema de progressão continuada?
- 6) No caso da aprendizagem na sua área, quais problemas você vê com a progressão continuada?

Respostas:

Professor de Língua Portuguesa há 12 anos:

1) Não. Nós, professores, não fomos preparados para estas mudanças e os alunos não possuem maturidade suficiente para este sistema. Com tantas opções para o jovem além da escola, é muito complicado para que nós consigamos incutir uma motivação extra a essa criança. Isto se complica principalmente a partir da quinta série onde nós não acompanhamos estes alunos de perto como o sistema de progressão continuada exige.

2) Sim, claro. A única "arma" que possuíamos para controlar a disciplina dentro de sala era a nota. Hoje, com a aprovação automática, os alunos se desinteressam muito facilmente, tornando a vida dentro da sala insuportável. Outro ponto: como os alunos passam de ano com nível de conhecimento desigual, a cada ano que passa temos salas mais desuniformes o que complica muito a condução do conteúdo programático.

3) Total desinteresse e a sensação de impunidade já que, independente do que façam, serão aprovados.

4) A aprendizagem não está ocorrendo. Antigamente, tínhamos problemas com, no máximo, 10 % dos alunos (que eram reprovados). Hoje, esse percentual cresceu muito. Os alunos não aprendem, porque, apesar de tudo, os exames eram um incentivo ao estudo. Hoje eles só fazem o que gostam e a vida não é assim.

5) Para mim, este sistema tinha que contar com a reprovação sim se um determinado aluno não estivesse interessado realmente aprender.

6) Muitos problemas. Para se ter uma idéia, a bagunça é tanta que nem consigo ler contos, textos diversos para minhas salas. Eles não têm respeito pelo professor.

Professora de Língua Portuguesa há 16 anos:

1) Não. Porque o conhecimento é fundamental para a formação do indivíduo, a Progressão Continuada "barra" o conhecimento formal.

2) Não. Porque apenas aprovamos os alunos; independente dele ter ou não adquirido algum conhecimento, habilidades e competências; sem critérios pedagógicos.

3) Déficit no aprendizado, alguns continuam analfabetos ou analfabetos funcionais.

4) Não tem ocorrido aprendizagem!

5) O sistema tinha que garantir o respeito aos professores, aos funcionários públicos e investir mais em nossas formações já que estamos nos deparando com uma realidade perigosa em nossas escolas.

6) Não vejo nenhum tipo de benefício na Progressão Continuada. A escola tem estado cada vez pior. É lastimável!

Professora de Língua Portuguesa há 4 anos:

1) Não. Não fomos preparados para isso.

2) Sim. Não tenho tempo para me dedicar como deveria.

3) Diminui consideravelmente nos últimos anos.

4) Não tem ocorrido.

5) Classes menores, salários melhores para que possamos nos dedicar.

6) Professores mal preparados, alunos desinteressados e as universidades facilitando o ingresso de alunos que não têm o mínimo de condição de cursar uma faculdade.

Professora de Língua Portuguesa há 7 anos:

1) Em termos. Na teoria o modelo é bom, mas não foi implantado do modo correto. Nós, professores, não sabemos como trabalhar e nem temos as ferramentas, tempo e disposição para isso.

2) Lógico que sim. Classes superlotadas, salários baixos nos obrigam a trabalhar em dois ou três períodos. Falta de tempo e o excesso de alunos são incompatíveis com esse modelo de educação.

3) Não tem ocorrido de maneira geral. O aluno tem que se automotivar para que corra atrás e torne o aprendizado efetivo.

4) Não tem ocorrido aprendizagem.

5) Uma reformulação total no sistema de ensino é necessária para esse sistema seja implantado. Desde a preparação dos professores nas universidades, salários compatíveis, escolas, tamanhos de classes, etc.

6) O aprendizado não tem acontecido porque o aluno não se sente cobrado e, realmente, não é. Ele tem a certeza da aprovação.

Professora de Língua Portuguesa há 5 anos:

1) Não. Estamos trabalhando mais e sem resultados. O aluno não aprende por não tem motivação pra isso.

2) Não sei o que fazer para prender a atenção dos meus alunos.

3) Aprende quem quer e quem não quer empurra de qualquer modo, pois sabe que ao final do ano ele será aprovado.

4) Não ocorre de modo geral. Só aprende quem quer

5) Não mudaria nada. Simplesmente gostaria do retorno do sistema antigo

6) Não temos mais armas para “domar” o aluno. Ele dá as cartas, tumultua o ambiente porque a formação familiar já não é boa. Nos estressamos e ninguém aprende nada. Antigamente era bem melhor.

Professora de Língua Portuguesa há 3 anos:

1) Não concordo. Na minha opinião, a escola virou uma bagunça após a aplicação desse sistema.

2) Tinha que ter ocorrido uma preparação para que os professores pudessem trabalhar da forma correta e uma conscientização por parte dos pais e alunos que hoje acham que não precisam fazer nada na escola porque o certificado é certo.

3) Sim muitas. Quero trabalhar, levar matérias diferentes para meus alunos, mas, eles já entram na escola torcendo para que a hora de ir embora chegue logo. Não tem interesse por nada.

4) A aprendizagem quase não ocorre, é difícil a situação! Eles não querem estudar. Quando ocorre a aprendizagem é fruto de um trabalho árduo porque, na maioria das vezes, a indisciplina é tanta que nós, professores, nem sequer conseguimos falar o educado “bom dia” dentro da sala de aula.

5) Falta existir algum tipo de punição para aqueles alunos que vão para a escola apenas para atrapalhar. Muitos acham engraçado ir para bagunçar e não permitam que meu trabalho em sala seja satisfatório.

6) A maioria dos alunos não sabe ler e escrever quando chegam ao ensino médio. É uma vergonha para o nosso país!

Professor de Língua Portuguesa há 20 anos:

1) Não posso concordar com um sistema que parece que só começou a funcionar para acabar com a moral e com a dignidade de nossa profissão. Após sua implantação não existe mais respeito com a figura do professor.

2) Mil e uma dificuldades! Os alunos só querem fazer o que têm vontade, o que dá prazer como: namorar e conversar muito. Estudar para quê? Eles sabem que vão passar de ano...

3) Acho que a intenção do governo ao implantar este sistema foi excluir esta palavra de nossa sociedade para que se tenha cada vez mais pessoa ignorante.

4) Desde 1996, quando as idéias desse sistema de Progressão Continuada entraram em vigor, não existe mais aprendizagem. Existe somente frequência para se passar ao próximo ciclo.

5) Mudaria tudo. Para começar, teria que ter havido uma preparação antes de trabalharmos com estas mudanças. Preparar melhor os professores, explicar muito bem para pais e alunos

sobre o sistema, melhorar os espaços das escolas, investir em materiais didáticos diversos, melhorar o salário dos professores que agora têm uma responsabilidade ainda maior são detalhes que tinham que ser pensados e realizados antes da implantação de mudanças tão bruscas. Na minha área, os alunos não entendem que ler, pensar, interpretar diversos tipos textuais são exercícios essenciais para que aprendam a ser cidadãos críticos no competitivo mundo em que estamos vivendo.

6) Como já disse, não querem saber de estudar, só de conversar. Para eles, tudo é chato, têm preguiça de refletir, de colocar “as mãos na massa”.

Professora de Língua Portuguesa há 05 anos:

1) A idéia foi muito boa, mas, na prática não funciona. Só acha interessante quem não está trabalhando dentro de uma sala de aula com quase cinquenta alunos e gosta muito de filosofar, de sonhar.

2) Não existe como ter facilidade em trabalhar com um método que meus alunos acham que é uma brincadeira. Com a indisciplina que apresentam após as mudanças fica muito complicado para se dar aulas interessantes e diferentes.

3) A aprendizagem ocorre para uma minoria porque grande parte dos alunos se fechou a ela. Dizem que só estão na escola porque os pais obrigam e porque querem ter o diploma.

4) Para que a minoria que deseja aprender realmente consiga, parece que estou num campo de guerra. Como tento levar matérias mais significativas que tenho que falar bastante é terrível porque a cada minuto tenho que chamar a atenção daqueles que ficam bagunçando e atrapalhando. Tenho que me desdobrar! É muito estressante, acaba com a minha saúde!

5) Acho que a reprovação teria que continuar a acontecer. Sem ela, os alunos relaxaram demais, não entendem que precisam estudar, se dedicar. Está muito complicado!

6) Uma quantia significativa de alunos tem sido transferida para o próximo ano escolar sem sequer saber escrever. Por exemplo: Como é que vou explicar sobre verbos para estas pessoas? É imoral, é uma falta de respeito do governo com nós, professores, e com o próprio povo brasileiro.

Dessa forma, em relação à Educação Continuada, constatou-se que a grande maioria dos professores:

- opõe-se à forma como foi implantada.
- sente-se despreparada e acha que esse tipo de Educação não está atingindo os seus objetivos.

Discussão

De acordo com os resultados obtidos na primeira parte da pesquisa, 97 % dos professores

pesquisados são contrários à Progressão Continuada. Esta pesquisa simples não indaga o motivo desta opinião. Estes mesmos profissionais não se sentem preparados para as exigências que este método ensino necessita para ser bem implantado. Entre estas exigências podemos citar: formação acadêmica adequada, salas menores e salários compatíveis. Diante deste cenário é quase impossível exigir um alto grau de motivação das pessoas que deveria ser os pilares desta idéia.

Na segunda parte deste trabalho, a entrevista foi conduzida a tentar entender o motivo que leva a quase totalidade destes professores a não concordarem com a implantação da Progressão Continuada na rede pública paulista. As opiniões são praticamente as mesmas, mas podem ser resumidas de modo bem simples: o aprendizado não acontece, os alunos não têm mais limites, professores e estudantes não possuem motivação adequada e os professores não se sentem preparados e não foram consultados para estas mudanças.

Conclusão

Chegamos à conclusão que embora, em teoria, o método da progressão continuada seja benéfico a todos os envolvidos (professores, pais e alunos) ela não conta com o apoio dos principais responsáveis para que esse sistema tenha êxito: os professores. Mal preparados, desinformados, mal remunerados, o corpo docente não sabe aplicar este método com correção o que acaba causando profundas distorções na aplicação.

Com esse cenário, a progressão continuada é conhecida como aprovação automática e em nada está contribuindo para o aumento na qualidade do ensino público brasileiro.

Referências

- AVANCINI, MARTA. Aprovação automática dos ciclos, *Jornal O Estado de São Paulo*. 01 de outubro de 2000. p. 76

- NASCIMENTO, G. A cultura do fracasso. *Revista Isto é*. 10 de março de 2000. p 58

- PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

- STEINVASCHER, A. A implantação da progressão continuada no Estado de São Paulo: um caminho para a democratização do ensino? 2003. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.